CONHECIMENTOS UTEIS.

DO TELEGRAPHO-ELECTRICO.

320 O vapor, os carris-de-ferro, e os telegraphos electricos, são os trez admiraveis agentes da civilisação moderna que teem d'operar no mundo importantes mudanças. Todas éstas tres invenções se devem á Inglaterra — o paiz industrial por excellencia. O apparelho electro-magnetico estabelecido na linha de ferro de Londres a Portsmouth, foi o primeiro que funccionou com os mais admiraveis resultados. Logo depois foi adoptado nos Estados-Unidos, e em França não tardou a fazer-se um ensaio na linha de Paris a Rouen, com algumas modificações que ficaram adoptadas. Quasi ao mesmo tempo foram os telegraphos electricos estabelecidos na Russia na Allemanha, e pelas últimas noticias da Prussia os vemos adoptados pelo govêrno nas linhas de Berlim a Colonia, e de Berlim a Postdam. O anno de 1844 ficará notavel por este novo descobrimento.

Comtudo a idea não é nova. Propondo-me a fazel-a conhecida dos leitores da REVISTA, na conformidade do plano que adoptei na redacção d'este jornal, sem querer por mais tempo demorar este artigo, eu sinto d'ante mão todas as suas imperfeições por ser elaborado sôbre apontamentos dispersos, visto que nada achei ainda complexo sôbre a materia. Começarei de mais longe.

É bem natural que desde os mais remotos tempos se tenham usado signaes para fazer conhecidas em grandes distancias, e promptamente, as noticias que se tornasse necessario transmittir. Sem recorrer-mos á columna de fogo que guiou os hebreus no deserto, sabe-se que Alexandre empregára este mesmo alvitre para regular a marcha das suas tropas, e que um Sidonio se lhe offerecêra para descobrir um meio com o qual elle se poderia communicar com o mais longiquo ponto de seus dominios em apenas cinco dias. A proposta pareceu absurda e foi desprezada. Eschylo e Homero fallam de meios similhantes empregados pelos gregos e troyanos; e além d'estes signaes de fogos, os gregos e romanos empregavam tambem os estendartes de differentes côres, e a variedade dos sons das trombetas. Mas o fogo é o uso mais geral: os chinas o empregaram, e assim os gallos, os arabes etc.

Mas esses meios todos eram imperfeitos, até que o inglez Hooke publicou em 1684 o seu processo telegraphico. Esta theoria porém so serviu de desafiar varios escriptos e projectos mais ou menos sensatos, em quanto Chappe não apresentou á Convenção-nacional em França no anno de 1793, o seu telegrapho-modêlo, quasi como o que se usa hoje: e a primeira linha telegraphica foi estabelecida, no mesmo anno, de Paris a Lille. Ésta descoberta importante foi immediatamente adoptada por todos os paizes.

Com estações de trez em trez leguas, ordinariamente, as communicações telegraphicas, quando a atmosphera limpa o permitte, ou por meio de luzes se ha nevoa ou é de noite, fazem-se em minutos entre pontos mui distantes. Mas a velocidade characteristica do nosso seculo não estava satisfeita. Uma communicação tão rapida como o pensamento, entre logares separados por muitas leguas, era na verdade indispensavel no dia d'hoje.

Franklin tinha-se lembrado da applicação da electricidade á telegraphia. Lesage chegou a publicar em 1774 um folheto para tornar realisavel ésta idea, e diz-se que o seu systema ainda chegára a ser experimentado nos arredores de Madrid por um tal Betancourt. O francez Ampire e o allemão Soemmering, tractaram tambem da applicação da corrente electrica ás communicações. Estava porém reservada á nação ingleza, a Mr. Wheastone, professor em King's-College, a glória do estabelecimento dos telegraphos-electricos.

O primeiro telegrapho-electrico foi estabelecido na linha de Londres a Portsmouth. Este admiravel meio de communicação, sendo adoptado em França nos principios do corrente anno, foi modificado por Bréguet, segundo os desejos de Foy, administrador das linhas telegraphicas d'aquelle paiz e encarregado da sua execução, que teve a feliz idêa de fazer os novos telegraphos similhantes aos telegraphos ordinarios; isto é: de fazer com que os desenhos do mostrador do telegrapho-electrico representem as figuras do antigo telegrapho, com o que se conservará o mesmo valor do vocabulario em uso.

Procurarei agora explicar o que é um telegrapho-electrico.

Dois fios de cobre ou de ferro galvanisado, convenientemente isolados e cobertos de gluten-marinho sendo de cobre, para evitar a oxidação, são estendidos sobre pontaletes da altura de cinco metros collocados em todo o comprimento do carril de ferro. A electricidade vai por um d'estes fios e volta pelo outro; mas ja se conheceu que um era bastante porque o outro póde ser supprido pela terra mesma como corpo conductor. Faz-se um poço aope de cada estação para transmittir a corrente, ou pelo intermedio dos dois fios de cobre, ou por um d'elles so e a terra, mediante um canudo de folha mettido dentro do poço. Por este ultimo meio perde-se metade menos da electricidade. Tambem em França se procura substituir os pontaletes, em razão da imperfeição do isolamento que dão aos fios de cobre.

Duas pilhas, de natureza particular, postas em cada uma das extremidades da linha, ás quaes se prendem esses fios de cobre conductores fazem circular n'elles a electricidade. Em cada uma das estações se enrola o fio a um bocado de ferro, que fica magnetizado pela influencia da corrente, e influe por attracção sôbre outro pedaço de ferro, que é uma especie de alavanca destinada a fazer mover um ponteiro, com auxilio de certo mechanismo de fábrica de relogio, sôbre um mostrador ou circulo graduado, de rotação, em que cada divisão representa, por exemplo, uma letra do alphabeto, analogo tambem a um mostrador de relogio.

Para pôr em movimento o telegrapho basta interromper a corrente electrica certo número de vezes, do que resultará uma serie de attracções sucessivas sôbre a pequena alavanca, ou força intermittente, que fará girar o ponteiro com igual número de saltos.

Dois apparelhos similhantes estão postos em cada uma das extremidades da linha tendo em seus mostradores lettras, como acima se disse, syllabas, ou quaesquer outros signaes, como estão indicadas as horas

nos mostradores dos relogios. Quando n'um d'estes apparelhos se colloca o ponteiro n'um dado signal d'estes, o ponteiro do apparelho da outra extremidade marca exactamente o mesmo logar que lhe corresponde; e com a faculdade que teem estes apparelhos de interromperem ou restabelecerem a corrente electrica todas as vezes que um dos ponteiros fizer um salto, o que se indicar n'um mostrador será tambem indicado no outro *immediatamente*, porque este telegrapho tem a velocidade do raio. E assim duas pessoas distantes 6,000 leguas por exemplo, uma da outra, poderiam conversar tão seguida e facilmente como se estivessem juntas no mesmo quarto, precisando unicamente do tempo necessario para ajuntar as syllabas indicadas no mostrador, ou escrever as lettras, para conhecer as palavras. Está calculado que se o fio de metal que transmitte a corrente eletrica, tivesse 100,000 leguas de comprido a indicação feita n'uma das suas extremidades não gastaria mais de um segundo a manifestar-se na outra: velocidade muito superior á da luz.

Mas a maravilhosa invenção dos telegraphos-electricos não serve so para a transmissão de avisos, despachos etc., as suas applicações podem ser muitas, cada qual mais assombrosa. Para se fazer idea d'ellas bastará simplesmente citar ésta hypothese: « Quando a capital de França estiver ligada com a da Gran'Bretanha por meio de um conductor electrico (diz um jornal francez) qualquer criança em Londres, com o fragil esforço d'um dos seus dedinhos póde fazer ressoar em todo Paris o sino-grande da cathedral » Ja se vê pois que *uma vontade* que tenha á sua disposição um conductor electrico, preparados os meios, poderá em grandes distancias produzir effeitos espantosos.

O enthusiasmo com que os sabios consideram a invenção de Mr. Wheatstone, a propagação d'ella por todo o mundo, a sua applicação a instrumentos physico-mathematicos ja conhecidos ou novos, e muitas, admiravelmente importantes, outras de que ella é capaz, lhe conferem ja um dos tres primeiros logares entre as descobertas modernas.

BOMBA-HYDRAULICA.

321 *Sr. Redactor.* Lendo o artigo sôbre a bomba-hydraulica publicado na REVISTA n.° 24, e com o qual me parece que este jornal fez importante serviço á nossa agricultura, pensei que como *prático* deveria rectificar em duas coisas o mesmo artigo.

A 1.ª é quando se mencionam no § 2.° da 1.ª col. os inconvenientes da agua que *jorra pelo buraco do tanque*, no systema ordinario d'irrigação; que na verdade não são tamanhos como ahi se figuram: não so porque ha modo de diminuir o impeto do jorro mettendo um tóro de pau a embaraçar a sahida por inteiro da agua; como porque, sendo alias exacto que o jorro escava a terra onde bate, a agua reflecte d'ahi sem empoçar; e ainda ha meio de evitar esssa mesma escavação oppondo ao impeto da agua uma lage etc.: como se vê nas irrigações das hortas.

A 2.ª é o esquecimento que houve em mencionar o trasbordamento do tanque, se logo que está cheio se não acode a abril-o, o que nem sempre é possivel, e o que mui satisfatoriamente obvía o systema da bomba-hydraulica, evitando com grandes vantagens não so a perda do liquido, mas tambem que a agua trasbordando se empoco no terreno contiguo ao tanque, o que lhe arruina as paredes e estorva a vegetação n'esses sitios, que se tornam em pequenos paues.

Se lhe parecer, Sr. Redactor, inserir ésta carta muito obsequiará o seu assignante.

R. C. de S.

AMAUROZI IDIOPATICA, CURADA PELO TARTARO EMETICO EM ALTA DOZE.

322 Somos devedores a um illustre correspondente da cidade d'Elvas, da seguinte communicação importe sôbre o curativo d'uma amaurozi, praticado pelo Sr. J. S. Godinho Simões.

Anna Rosa, 26 annos de idade, temperamento sanguineo, constituição robusta, sempre gozou perfeita saude; as suas menstruações sempre se tem feito com regularidade; porém pouco abundantes; tendo sido subitamente privada de ver consultou-me, e examinando-a encontrei o seguinte:

30 de maio á 1 hora da tarde.

Falta total de vista, as pupillas consideravelmente dilatadas sem mais symptoma algum apreciavel; a doente não accuza coisa alguma que se supponha causa de tal accidente.

Agua commum..... 4 onças
Tartarato de potassa, e antimonio.. 6 grãos
Xarope commum..... 1 onça

Para tomar ás colheres desde as 3 até ás 3 e meia horas da tarde de hoje. Para alimento somente caldos

Amanhan das 6 ás 6 e meia horas da manhan toma igual dóze tambem ás colheres.

31 ás 9 horas da manhan.

Hontem depois que tomou o remedio teve anciedades e vomitos consideraveis, expulsando grande quantidade de liquidos billiosos.

Hoje tambem houveram anciedades, e ainda maiores que hontem; porém nada de vomito. Abatimento geral, pulso frequente, suor copioso calor geral, ja distingue a luz das trevas.

O mesmo dia ás 5 da tarde.

O mesmo estado excepto da vista, pois ja distingue quantas pessoas ha no quarto, apezar que ainda as não conhece.

Agua commum..... 4 onças
Tartarato de potassa, e antimonio 8 grãos
Xarope commum..... 1 onças

Para tomar ámanhan das 6 ás 6 e meia horas da manhan.

1.° de junho ás 9 horas da manhan.

Continúa a accusar anciedades, dor referida ao estomago, suor copioso, pulso cheio e frequente, faces vermelhas, cephallelgia. Ja conhece as pessoas que se apresentam, e distingue as côres dos vestidos.

O mesmo dia ás 5 da tarde.

O mesmo estado que ésta manhan.

Mistura sallina simples..... 1 libra

Para tomar 4 onças de 6 em 6 horas principiando ámanhan pela manhan.

Dia 2 ás 9 da manhan.

O mesmo estado que hontem de tarde.

Continúa com a mistura sallina simples; e sangria no pé de 8 onças ja repetida de tarde. Continúa a alimentar-se somente com caldos de galinha.

O mesmo dia ás 5 da tarde.

Todos os symptomas diminuidos.

Amanhan pela manhan leva terceira e última sangria. Continúa com a mistura sallina simples

Dia 3.

A vista perfeitamente restabelecida, de todos os symptomas apenas resta uma pequena cephallelgia.

Dia 4.

Não sente incommodo algum e pede de comer o que lhe é concedido.

Dia 6.

Curada completamente.

Elvas 6 de junho de 1845.

José Ignacio Godinho Simões. — Cirurgião-mór do Regimento de Infanteria n.º 4.

APERFEIÇOAMENTO NA PHOTOGRAPHIA.

323 Eu tentei ultimamente algumas indagações para me certificar se seria possivel encontrar outras substancias, independente do chloro e do bromio, separadas ou combinadas, que tivessem tambem a propriedade d'accelerar a acção da luz sôbre uma lamina daguerriena ou iodica; e depois de muitas tentativas, tenho achado que o ammoniaco possuia ésta singular propriedade em grau mui subido.

Em primeiro logar empreguei o ammoniaco somente com o iodo, iodando simplesmente uma lamina até ficar inteiramente amarella, e expondo-a durante alguns segundos ao vapor do ammoniaco, em estado de grande fraqueza por ser, misturado com agua, em quantidade tal que aquelle se possa apenas reconhecer pelo cheiro. Assim preparada a lamina foi introduzida na camara-obscura, e produziu uma impressão perfeita em meio minuto. Outras experiencias me convenceram tambem de que o vapor do ammoniaco tinha acção muito accelerada somente sôbre o iodo.

Quiz depois certificar-me de que modo o ammoniaco se daria com o bromio, e se destruiria ou precipitaria a acção d'este; e tive a satisfação de descubrir que elle possuia este ultimo effeito, e que as laminas preparadas pelos meios ordinarios, com iodo e agua simplesmente bromiada, se tornam infinitamente mais sensiveis, expondo-as durante alguns segundos ao vapor do ammoniaco, do que quando não são subjeitas a ésta operação.

Foi assim que achei que podia obter instantaneamente uma impressão perfeita ao sol, que 5 a 10 segundos somente seriam sufficientes para uma luz moderada; e desde logo concebi a esperança de que se conseguiria talvez com este soccorro tomar a imagem des objectos em movimento.

Appliquei tambem o ammoniaco em circumstancias variadas; ou seja expondo as laminas á sua influencia antes de as metter na camara-obscura; ou fazendo-as desprender n'esta durante a operação, ou immediatamente antes de nos servirmos d'esta; e em todos os casos tenho comprovado a sua efficacia.

Uma coisa tambem notavel, é que a influencia acceleradora do ammoniaco parece conservar-se na camara-obscura por tempo consideravel, apesar da sua volatilidade. Até me pareceu reconhecer algumas vezes que só a sua presença na peça onde se operava tinha influencia acceleradora, e estou convencido que será eminentemente vantajoso nas peças onde houver iodo ou bromio em vapor, corpos cuja presença sabemos que suspende completamente a acção da luz. O vapor do ammoniaco pelo contrario, os neutraliza, e em logar de retardar accelera o phenomeno.

Não levei mais longe as experiencias; mas julgo-as mui dignas d'interesse. O meu fim n'esta communicação é simplesmente chamar a attenção dos photographos e dos sabios sôbre o facto em questão, e muito me enganarei se este composto d'hydrogenio e de nitrogenio não for uma preciosa acquisição para a photographia.

Accrescentarei, terminando, que as minhas experiencias foram feitas com dois vidros meniscos de pequena abertura adiante, e fabricados na fornalha chimica e não visual; com vidros acromaticos, não duvido que se obtenham resultados muito mais satisfatorios.

Hewett.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXV.

O excesso da felicidade que aterra e confunde tambem. — — Pasmosa contradicção da nossa natureza. — De como os olhos verdes de Joanninha se inturvaram e perderam todo o brilho. — Que o coração da mulher que ama, sempre adivinha certo.

324 Carlos tinha a mão de Joanninha appertada na sua; e os olhos humidos de lagrymas cravados nos olhos d'ella, de cujo verde transparente e diaphano sahiam raios de ineffavel ternura.

Dizer tudo o que elle sentia é impossivel: tam incontrados lhe andavam os pensamentos, em tam confuso tumulto se lhe alvorotavam todos os sentidos.

Por muito tempo não proferiram palavra, nem um nem outro; mas fallaram assim longos discursos.

Emfim, Joanninha voltou á sua primeira insistencia e disse para o primo:

— 'Olha, Carlos, ámanhan é sexta-feira, ja te disse, vem Fr. Diniz: quando haja a menor difficuldade do commandante, a elle não lhe recusa nada...'

— 'Por quanto ha no ceo, Joanninha, pela tua vida, pela de nossa avó, nem uma palavra ao frade da minha estada aqui! A elle, oh! a elle jurei eu não tornar a ver. E se minha avó...'

— 'Basta: não lhe direi nada. Mas á nossa avó quando lh'o heide dizer, e quando hasde tu ir ve-la?'

— 'Por ora não: preciso licença de Lisboa, ou do quartel-general quando menos, para fazer uma coisa que todas as leis da guerra prohibem, que nas actuaes circumstancias e em similhante guerra ainda é mais defesa. E sem isso — tu bem sabes que as minhas resoluções não se mudam

— sem isso não o faço. Em todo o caso, que Fr. Diniz nem sonhe!..'

— 'E quanto tempo, quantos dias se hãode passar?'

— 'Eu sei? oito, quinze dias talvez, talvez mais.'

— 'E a minha pobre avó, coitadinha! a morrer de saudades...'

— 'Consola-a tu, Joanninha: dize-lhe que tiveste novas minhas, que estou bom, que me não falta nada, que tenho esperanças de vos ver muito cedo.'

— 'E eu... eu posso, eu heide ver-te todos os dias: não, Carlos?'

— 'Ámanhan é sexta-feira...'

— 'Ámanhan é o dia negro... nem eu queria: ámanhan não póde ser, bem sei. Mas, tirado ámanhan, meu Carlos, oh! todos os dias!'

— 'Sim, querido anjo, sim.'

— 'Promettes?'

— 'Juro-t'o.'

— 'Succeda o que succeder?'

— 'Succeda o que... So ha uma coisa que... Mas essa não... não é possivel.'

— 'O que é, Carlos? que póde haver, que póde succeder que te impeça de?..'

Carlos estremeceu... hesitou, corou, fez-se pallido... quiz dizer-lhe a verdade e não ousou...

Porquê?.. E que verdade era essa?

Não a direi eu, ja que elle a não disse: fiel e discreto historiador, imitarei a discrição do meu heroe.

Pois era discrição a d'elle?

Não... em verdade, era outra coisa.

Era um pensamento reservado?

Não.

Era tenção ma, ingano premeditado, era?..

Não, tambem não.

O que era pois?

Era a dúvida, era a fraqueza, era a vaidade, a mentira congenial e obrigada, a necessaria falsidade do homem social.

Carlos mentiu e disse:

— 'So se m'o prohibirem expressamente... os meus chefes.'

Mas não era isso o que elle receiava; não era esse aquelle motivo unico e superior que elle temia podesse vir um dia derepente cortar as doces relações de convivencia a que tam prestes se habituára, que ja lhe pareciam parte necessaria, indispensavel de sua existencia. Não era, não; e Carlos tinha mentido...

Joanninha olhou para elle fixa... Carlos corou de novo. Ella fez-se pallida... d'ahi corou tambem.

— 'Carlos, tu não es capaz de mentir...'

— 'Joanninha!'

— 'Tu es o meu Carlos... tu queres-me como me querias d'antes...'

— 'Sou... oh! sou. E amo-te...'

— 'Como d'antes?'

— 'Mais.'

— 'Pois olha, Carlos: eu nunca amei, nunca heide amar a nenhum homem senão a ti.'

— 'Joanna!'

— 'Carlos!'

Iam a cahir nos braços um do outro... A singela confissão da innocencia ia ser acceita por quem e como, sancto Deus! Aquella palavra de oiro, aquella doce palavra que tanto custa a pronunciar á mulher menos arteira; que adivinhada, sabida, ouvida ha muito pelo coração, ditta mil vezes com os olhos, nenhum homem descança nem se tem por feliz, por certo de sua felicidade, em quanto a não ouve proferir pelos labios — essa palavra celeste que explica o passado, que responde do futuro, que é a última e irrevocavel sentença de um longo pleito de anciedades, de incertezas e de sustos — essa final e fatal palavra *amo-te*, Joanninha a pronunciára tão naturalmente, tam sincera, tam sem difficuldades nem hesitações, como se aquelle fosse — e era decerto — como se aquelle tivesse sido sempre o pensamento unico, a idea constante e habitual de sua vida.

O excesso da felicidade aterra e confunde tambem. Um momento antes, Carlos dera a sua vida por ouvir aquella palavra... um momento depois — oh pasmosa contradicção de nossa dupplice natureza! um momento depois dera a vida pela não ter ouvido. No primeiro instante ia lançar-se nos braços da innocente que lh'os abria n'um sancto extasi do mais apaixonado amor; no segundo, tremeu e teve horror da sua felicidade.

— 'Joanna' exclamou elle 'Joanna, querida, sabes tu se eu mereço... sabes tu se deves?..'

— 'Sei. Desde que me intendo, não pensei n'outra coisa; desde que d'aqui foste, comecei a intender o que pensava... disse-o a minha avó, e ella...'

— 'E ella?..'

— 'Ella abençoou-me, chamou-me a sua querida filha, abraçou-me, beijou-me, e disse-me que aquella era a primeira hora de felicidade e de alegria que ha muitos annos tinha tido.'

Carlos não respondeu nada e olhou para Joanninha com uma indicivel expressão de affecto e de tristeza. Os raios de alegria que resplande-

ciam n'aquelle semblante — agora bello de toda a belleza com que um verdadeiro amor illumina as mais desgraciosas feições — os raios d'essa alegria começaram a amortecer, a apagar-se. A lucida transparencia d'aquelles olhos verdes turvou-se: nem a clara luz da agua-marinha, nem o brilho fundo da esmeralda resplandecia ja n'elles; tinham o lustro baço e morto, o polido mate e silicioso de uma d'essas pedras sem agua nem brilho que a arte antiga ingastava nos collares de suas estátuas.

— 'Adeus Joanna!' disse Carlos perturbado e confuso.

— 'Adeus, Carlos!' respondeu ella machinalmente.

— 'Até depois de ámanhan, Joanna.'

— 'Pois sim.'

— 'Depois de ámanhan te direi...'

— 'Não digas.'

— 'Porquê?'

— 'Porque é excusado: ja sei tudo.'

— 'Sabes!'

— 'Sei.'

— 'O quê?'

— 'O que tu não tens ânimo para me dizer, Carlos; mas que o meu coração adivinhou. Tu não me amas, Carlos.'

— 'Não te amo! eu!.. Sancto Deus! Eu não a amo...'

— 'Não. Tu amas outra mulher.'

— 'Eu! Joanna, oh! se tu soubesses...'

— 'Sei tudo.'

— 'Não sabes.'

— 'Sei: amas outra mulher, outra mulher que te ama, que tu não pódes, que tu não deves abandonar, e que eu...'

— 'Tu?'

— 'Eu sei que é bella, prendada, cheia de graças e de incantos, porque... porque tu, meu Carlos, porque o teu amor não era para se dar por menos.'

— 'Joanna, Joanninha!'

— 'Não digas nada, não me digas nada hoje... hoje sobretudo, não me digas nada. Amanhan...'

— 'Amanhan é sexta-feira.'

— 'Inda bem! terei mais tempo para reflectir, para considerar antes de tornar a ver-te. Adeus Carlos.'

— 'Uma palavra so, Joanna. Cuidas que sou capaz de te inganar?'

— 'Não; estou certa que não.'

— 'Até ámanhan... até depois de ámanhan.'

— 'Adeus!'

Abraçaram-se, e d'esta vez froixamente; beijaram-se de um osculo timido e recatado... os beiços de ambos estavam frios, as mãos trémulas; e o coração comprimido batia, batia-lhes forte que se ouvia.

Retirou-se cadaum por seu lado. A noite estava pura e serena como na vespera, as estrellas luziam no ceo azul com o mesmo brilho; o silencio, a majestade, a belleza toda da natureza era a mesma... so elles eram outros... outros, tam outros e differentes do que foram!

Tinham-se dado cuidadosamente as providencias todas; ambos chegaram, sem nenhum accidente, ao seu destino.

(Continúa.) **A. G.**

DO PARIATO (*).

325 Concluindo com a analyse de Lucano, para no seguinte artigo começar tractando de Portugal, encontrâmos no 4.° canto o acampamento em Lerida. Invocação á concordia. Uma morticina depois, em que Cesar *Dux causae melioris eris*, pela aleivosia que lhe fez Petrico. Tudo é perfeitamente um combate entre dous chefes: a historia de privações physicas. A molesa e a covardia dos soldados licenciados, dando a Cesar por auctor da sua redempção. Acto de desesperação e dedicação de Vulticus a Cesar. Gongorismo repugnante de sanguinarias prefigurações. *Compressum turba stetit omne cadaver.* Eram tantos que se tinham em pé.

5.° *Canto.*

Convoca-se o senado em Epiro, e Lentulo pede que se dê o commando a Pompeio. A pythonisa é consultada. Alevantam-se no campo de Cesar, quando o poeta diz *non esse ducis strictos, sed militis, enses.* Cesar submette a soldadesca. Amyclas. Cornelia.

6.° *Canto.*

Tudo é guerra. Scaeva que nem mil turmas, nem Cesar, nem a Fortuna, podem obstar, e que, *hosti seque ipse minatur*, comsigo mesmo ameaça os inimigos. Uma carniceria de açougue. Longa descripção da Thessalia.

7.° *Canto.*

Uma mui ridicula falla na bôcca do orador philosopho romano, em que parece se está ouvindo uma criança mal criada a ralhar á mãi, com tanto juizo uma como a outra. Disposições de vespera da Pharsalia. Pompeio depreca aos soldados para que não façam que elle haja de ir aprender depois de velho a servir. Reflexões do poeta. Todos os romanos por serem poucos, continham-se na cidade, o jornaleiro captivo é que cultiva os campos. Roma, cheia das fezes do mundo, ésta batalha a causa, depois da qual nem tem forças para renovar a guerra. Tantos males trouxe que *vellem, populis incognita nostris!* Felizes os arabes etc. que sempre estiveram sob os tyrannos. Entre os povos que são reinados, é a sorte romana a peior porque tem pejo de servir; impreca a Jove, por ver de alto, as mortes

(*) Continuado de pag. 267.

da Thessalia, ferir penhascos, e arvores em preferencia á cabeça de Cassio. O Deus não cura da mortalidade. Mas d'esta batalha teremos vingança sendo licito á terra faser deuses tambem. A guerra civil fará os homens iguaes aos nomes. Incertezas e dúvidas, depois, de quem não conhecia senão vagamente por uma tradição oral que tinha existido a republica havia uns 120 annos.

8.° *Canto.*

Tristissima figura de Pompeio passada a batalha, e os ainda mais pequenos pensamentos que o A. lhe presta.

Quantum pro causaris ipse
Avulsa cervice daret.

A hoste dispersa reune-se em Cilicia; ahi Pompeio lembra-se de engajar as hordas de Parthos para que o vinguem, ou a Crasso. N'isto é rebatido por Lentulo, e vogam para o Egypto. Aqui expende doutrinas Photin, que é ministro, que refinam sobre o Machiavel moderno (ibi faz ubi maxima merces L. 10 v. 408), doutrinas que devem ter ficado de Tiberio, doutrinas de todos os tempos onde não ha direitos individuaes. O prurido que este auctor tem por scenas de morticina ainda o não larga nos tractos que fizeram ao cadaver de Pompeio. Occupa-se em lhe cortar os nervos, moer-lhe as veias e quebrar-lhe os ossos.

9.° *Canto.*

Catão faz o elogio de Pompeio, a quem diz muito faltou para conhecer o direito como os antigos, mas pelo qual teve reverencia. Tempo de Mario e Sylla, a liberdade morreu. Pompeio perdido até a ficção d'ella, perdida. Mas se hade continuar, acaba por nos dizer

Scire mori, sors prima viris

e que não deprecará a Juba o não guarde para o inimigo, mas com a cabeça cortada. Atheismo, porque querem verificar de Jove a fama de longa data. O Templo. Aulos, a quem todos os rios não chegariam a estancar a sede, abre as veias para beber o sangue. (L. 9. v. 760) A Pharsalia havia de viver. A vista da cabeça de Pompeio faz de Cesar um Mattos Lobos.

10.° *Canto.*

Egypto, Cleopatra, Festim, Origens do Nilo, Conspiração. É uma notavel coincidencia que Cesar e Napoleão ambos viessem do Egypto governar o mundo Talvez fosse imitação em Napoleão.

Se no direito, propriamente chamado tal, não se acha nada nos antigos que podesse soccorer os modernos para o jus contituendo do seu systema representativo, na Epopêa, que acabamos de recorrer muito de fugida mas sempre com attenção a qualquer vestigio ácerca d'este objecto, tambem nada se encontra. No decurso d'esta ás vezes, pela sua esterilidade em doutrinas idoneas á politica republicana, até se póde ficar cuidando que podia ter sido escripta no tempo do nosso D. João V; digo-o assim, não porque este reinado se assimilhasse em crimes ao de Nero, mas pelas parecenças de ambos a vaguearem sem destino, e D. João V morrer, tendo havido tanta riqueza, sem que houvesse com que se enterrar condignamente. A palavra liberdade é pronunciada bastantes vezes por Lucano, mas nem uma so vez diz no que ella consiste. Nunca falla a preceito nas instituições do seu paiz, supponho que pelos mesmos motivos que nos reinados que se succederam no throno Bragantino ninguem mais fallou nas nossas côrtes, e que Mello Freire tractou de as negar. A predilecção do poeta, e não admira porque era o que via, é o encarecimento da supremacia romana; mas ésta para nós outros, não póde deixar de ser deploravel, porque a escravidão a debotava toda.

Eis ahi porque a republica achou tão benigna a *cuthanasia* no Imperio, olvidando-se de todas as garantias de uma liberdade sem limites, mas so para uma oligarchia. A guerra civil attenuando ésta, máu grado todos crimes com que o fez, foi salvar Roma por mais alguns seculos. Se em logar das tendencias para o nivelamento, que ella trouxe, sem preeminencia na toga, ou preponderancia para a milicia, e a introducção á vida politica dos libertos á falta de ingenuos, Pompeio tivesse entrado de novo na Italia, tinha findo a civilisação. Não podia lá ter entrado sem as hordas extremes dos barbaros da Asia. Se o seu voto se segue (L. 8. v. 289) póde ser que hoje fossemos parthos ou escravos d'elles. Não é ésta reflexão tão aeria que mesmo vencendo Cesar, a invasão dos barbaros não começasse ja do seu tempo, e crescendo, se houvesse tornado muito grande no seculo do auctor, o que se mostra nas suas muitas noticias d'elles, e as poucas de casa no seu poema. Muito escassas effectivamente são éstas. O poema tem as feições sobre tudo de um exercicio de academia, que deveria ser mais admirado na posteridade quando o genero humano tivesse tornado a tomar de novo alguma energia. A tolerancia que deviam ter achado nos seus contemporaneos alguns pensamentos, e a philosophia que Lucano apresenta, devia-se parecer com a que acharam os nossos litteratos, que principiaram a inculcar melhores idéas desde o reinado de D. Maria I até 1820.

Realidade, de côres tiradas das coisas e dos homens, não ha nenhuma. Cesar abandonando a guerra civil para indagar da cabeça do Nilo, no meio dos inimigos, é de Carlos XII da Suecia. (L. 10 v. 192.) O seu pórte para o marinheiro Amyclas com quem faz de fanfarrão, não era do genio romano na republica e muito menos de Cesar. *Victorem, non, nosse tuum.* L. 5 v. 581. Este emphase é mais para se desconfiar na bôcca do heroe romano, do que mesmo em Napoleão ou no duque de Wellington, os dois maiores generaes modernos.

Que a intelligencia com que se intende agora a liberdade, não se comprehendia então é ver a vaga deprecação d'este auctor a favor de Pompeio. Os pompeianos commettem tantas ou mais cruezas do que os cesareanos. (L. 4.° in fin). As explicações de Pompeio do que havia de fazer para a liberdade, fallando a anciões no seu campo ja cançados, em nada satisfazem: são paridades sempre. Por estas, devemo-nos convencer que a republica, essa mesma que hoje nos não conviria para nada, tinha chegado a um passo que era preciso que Cesar vencesse para que o nome romano não perecesse, e a sua melhor parte, para a posteridade, que eram essas poucas lettras dos seus poucos sabios; e as suas leis, que eram muitas não se perdessem. A chusma maior de barbaros da Asia, que andavam na companhia de Pompeio e dominavam, não poderiam deixar de partilhar no espolio da victoria se elle vencesse, e qual teria sido o seu effeito nos cos-

tumes e na civilisação? Poderiam então ter submergido a Europa, como o fizeram depois, mas ja menos obscurecida, e conservando-a ainda hoje no mesmo estado em que se acha a Asia.

A republica antes do advento de Cesar tinha visto Mario, Sylla, este mesmo Pompeio, Catilina que quiz ser tyranno, mas não o póde ser. Com nenhum d'estes chefes de facção plebea e patricia, poderam as turbas achar senão maior degradação, desnudez, espesinhamento. Nenhuma d'estas coisas importava conhecer no tempo de Lucano, e mesmo so agora se principiaram a destrinçar á luz da philosophia, do revolver do pensamento, e portanto é injusto Nisard quando accusa o poeta, por não nos ter explicado aquillo que não era possivel estar ao seu alcance. Elle não nos podia dar senão aquillo que nos deu.

A questão é so de mais ou menos factos: que podiam fazer os homens que estavam no campo de Pompeio? Cicero era um decrepito vaidoso que por sua muita industria e suas lettras tinha chegado a obter celebridade, mas que não era para taes lances como este. Delicadissimo philologo, não so tinha esgotado todos os diminutivos da lingua romana, mas tinha-os ido buscar de fóra para a tornar mais amoravel. Contam-se mais de 160 nas suas obras (For. Quart. Rev. Jul. 1842 Verb. Cat.) Este insigne varão, ja se vê por tudo isto, que para tudo poderia servir, menos para conduzir a republica, nos tempos a que ella tinha chegado. Catão era todo elle abstracções, um sacrificio a contemplar-se, passivel na oppressão, impendere vitam L. 2 v. 382. e de uma eschola toda ella onde a moral era uma arte. Bruto era seu genro e seu discipulo. Estes eram os homens de nome adversos a Cesar. Nenhum d'elles capaz de restituir o passado ou crear o futuro. Escapou-me dizer o passado, o passado nunca se restituiu: não consente na restituição, n'isto é elle absoluto.

Continúa. *C. A. da Costa.*

POESIA.

A ORFÃ NO CEMITERIO.

326 Pela noite escura e fria,
Nas horas de solidão,
É que apraz ao coração
Visitar ésta mansão
De doce melancholia.

Vem, oh lugubre coveiro,
A porta desferrolhar;
E volve-te a repousar:
Quero aqui vêr despontar
O matutino luzeiro.

Nem punhal de scelerados
Póde meus passos deter;
Nem os môchos a gemer,
Nem os vultos a correr
Pelas lousas dos finados:

Filha sou, que a mãe procura
D'estes muros para áquem....
Quanto, os seus aqui teem!...
So eu não acho ninguem
N'esta terra de amargura!

Pobre mãe! que não lhe deram,
Nem um marmor, sem lavor,
Que dissesse ao viajor
Quantas virtudes e amor,
A sua alma enriqueceram!

Miseros orfãos deixára,
Qual pombinha, que voou
Ante o açor que a acossou,
Do ninho se extraviou,
Por nuvens que atravessára!

Mas ella foi, nas alturas,
Candidas azas bater;
Caricias de anjos colhêr;
Seu ninho eterno fazer
Entre myriades puras.

Talvez, em quanto radiosa
Se me afigura nos ceus,
Os maternos olhos seus
De la se encontram co'os meus,
De la me acena saudosa....

Hei de ir... mas quero primeiro
Seu monumento elevar;
Quero uma cruz arvorar,
Que domine este logar,
De cima d'humilde oiteiro.

Sim, quero que aqui se ostente
Do madeiro nu e só,
Com êsse luxo do pó,
Que avulta em marmorea mó,
Contraste mudo e eloquente.

Eccos da gloria mundana,
Sons que a morte ha de acabar,
Os mausoleus vem turbar;
Mas á cruz não ha de ousar
Erguer-se vista profana.

Ella, que o topo sagrado
No azul diafano, sem fim,
Onde sólta um serafim
Sons de harpa de oiro e marfim,
Parece têr mergulhado;

Doce pharol, se a procella
Nos engole em seu volcão,
As preces da alma lá vão,
Como aves de arribação,
Esvoaçar em torno d'ella!

N'este asylo mortuario,
Cujo aspecto me seduz,
Dormir quero aopé da cruz,
Escondida no capuz
De herdado pobre sudario.

Ja trinam pelos cyprestes,
Os vatesinhos do ar,
Gorgeios mil a saudar
O sol que se ergue do mar;
Ao meu alvergue vou prestes.

29 d'outubro. *Maria J. S. C.*

ROMANCES.

—

VIVER E PADECER.

IV.

(Conclusão.)

327 Em um aposento que servia de quarto d'estudo de pintura, estava um homem, occupado a dar os últimos toques a um painel, que representava o Christo coroado d'espinhos. Por cima das mesas e bufetes, que guarneciam a casa, estavam postos sem ordem modêlos de gêsso, partes dispersas da arte, que reunidas e coordenadas, estudadas com talento d'artista, coloridas e animadas pela phantasia, deviam produsir composições, riccas pela puresa e correção do desenho, pela fôrça da expressão. A delicadesa das mãos da Venus grega, faziam contraste com a robustez musculosa das do gladiador romano. A formosura meio-feminina do Apollo, realçava a par da magestade da cabeça de um Jupiter. Por alli estavam tambem armaduras descompostas, punhaes italianos, alfanges turcos, espadas castelhanas; e pendurados pelas paredes quadros por acabar, retratos esboçados, e um quadro de Gran'Vasco, representando o nascimento do Redemptor, que o proprio auctor deixára em herança ao artista.

O pintor collocou o quadro, de modo que a luz que entrava pela janella o esclarecesse com vantagem. A expressão da phisionomia divina de Christo, que inclinava a cabeça com resignação dolorosa, os olhos que se lhe elevavam para o ceo, como offerecendo os tormentos e flagellações, que estava padecendo, em favor do genero humano, d'essa sociedade depravada e corrupta, para cuja redempção ia morrer na cruz, — aquella expressão que o pintor déra ao seu quadro era divina e sublime.

Estava elle posto diante da sua obra, crusára os braços, e parecia contemplal-a com aquelle prazer, aquella satisfação interior, com que os artistas costumam enamorar os trabalhos que mais presam.

Algumas pancadas que bateram á porta vieram perturbal-o d'aquella sorte de extasi.

Era o nosso poeta, que mais pallido e abatido estava que nunca.

O pintor sobresaltou-se ao ver-lhe aquella côr tão pallida, que parecia um finado. Adiantou-se para elle, tomou-lhe as mãos, e apertando-lhas nas suas, Disse-lhe com tom de voz affectuoso:

— Que tens Luiz? De que te vem essa pallidez, esse ar tão abatido? Ha tanto tempo que te não vejo, tens padecido.....

—Padecido.... respondeu-lhe o poeta com ar distrahido, e encolhendo os hombros com ar d'indifferença, tanto quanto o corpo e a alma podem soffrer, sem se apartarem.... Porque não havia de eu morrer ésta noite, quando sonhava que subia ao ceo,... com ella... Vê, Affonso, não sentes o calor em que me arde a pelle? Devora-me a febre, e não sei como não enlouqueci ainda, como aquelle pobre italiano, oh! esse sim, esse padeceu quasi tanto como eu, e era poeta, poeta pela imaginação, pelo sentimento, e pela alma.....

— Senta-te, estás enfraquecido; tens a fronte banhada em suor frio: dizia Affonso enxugando-lhe a testa.

— Deixa, deixa, estou quasi chegado ao cabo de todos estes padecimentos. Em vez da coroa de louros do poeta, pôz-lhe a sociedade uma coroa de espinhos, como áquelle que alli está, e que morreu para nos salvar a todos, — e apontava para o quadro d'Affonso. Como; o teu colorido é sublime! Que não possas tu enriquecer a terra em que nascemos com esse talento que te Deus deu!. Não, irás para Hispanha, la está esse paiz ja riquissimo, esse rei que nos hade avassalar... sim, adivinha-m'o o coração, e Deus permitta que ja eu tal não veja...

— Luiz, Luiz, que dizes tu, pensas que ésta terra póde assim cahir em mãos estrangeiras, que este reino tão poderoso possa curvar-se ao jugo castelhano, não cantaste tu mesmo as nossas glórias, os esforços nos nossos pelejadores...

— Cala-te, cala-te, tudo isso ja la vai... acabou.

E com a cabeça baixa, e a voz abafada dizia o poeta: — Tempo foi ja em que ésta nação era feliz, ricca, e livre. Colosso de bronze e oiro, Portugal estendia uma das mãos para o Oriente, e a Asia, trajando vestiduras de gala, corria a trazer lhe os incensos mais riccos, o oiro mais fino. A um aceno mil escravos chegavam carregados d'aquellas pedras preciosissimas, que a Europa inteira esperava com impaciencia, para formar as suas coroas de imperadores e reis. E em quanto Portugal com uma das mãos atirava para os degraos do throno com todas aquellas riquezas, com a outra mão, armada de um guante de ferro, ia arrancando as corôas aos reis africanos, e fazia-lh'as em pedaços, de encontro ás muralhas das fortalezas. Ah! Era sublime e magestoso! Ver este paiz engrandecido pelo brio dos seus guerreiros, enriquecido pela conquista, tornar-se gigante, fictar os olhos de bronze em um rei, e fazel-o córar de vergonha e receio... E em quanto com um dos pés calcava a terra ainda revôlta, onde se haviam assentado os alicerces das fronteiras, punha o outro pé no territorio alheio; — então o sol estremecia, as portas de bronze gemiam, e os crescentes mouriscos do alto das mesquitas tremiam, como se fossem abanados por um vento, precursor de destruição e morte... E tambem ao pôr do sol, quando o astro do dia, reclinando-se em um leito de nuvens douradas, parecia dizer adeus á terra, — o dragão de Portugal batia tres vezes as azas, e com um silvar agudo de orgulho e despreso, ia acordar o leão de Hispanha que jazia adormecido de encontro aos muros das fronteiras, e que ao ouvir aquelle som cortando os ares, levantava a cabeça, e cravava as garras no peito, bramindo de raiva e vingança!

Calou-se, e estiveram algum tempo em silencio. Depois o poeta lançou a vista ao redor, e deu com um livro, com capa de pergaminho, e que estava alli em cima de um bufete. Abriu-o, — eram os Lusiadas.

— Quando eu compuz este livro, disse elle, conservava ainda boa parte das minhas illusões d'outros tempos, estimava-o, queria-lhe tanto... servia-me de companheiro nas horas tristes de vida, naufragou comigo, e pude salval-o...

Folheou no livro, e começou a ler com voz apaixonada e sentida. Aquelles versos lidos pelo poeta que os concebêra e escrevêra na desgraça e no exilio, tinham uma sublimidade magestosa impossivel de descrever. Eram pensamentos ora arrebatados, ora ternos e sentidos; era a verdadeira poesia, emanada do coração, escripta entre as lagrimas e os pezares.

O poeta começára a ler pelo canto X, e a voz tor-

nou-se-lhe mais clara, mais sentida, ao chegar á estancia 23, áquelles queixumes da alma, áquelle exalar da dôr concentrada:

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e n'elle veremos altos peitos,
A baixo estado vir, humilde, e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao rei, e á lei servem de muro!

Deixou cahir o livro das mãos, e levantou-se. O artista lançou-se-lhe nos braços, quiz fallar, mas não pode, porque as lagrimas lhe tolhiam a falla.

Porque choras tu? disse-lhe o poeta, espera-te um futuro feliz, fallar-se-ha de ti em Hispanha, na Europa... Sim Affonso Sanches Coelho, tens o cunho do genio marcado na fronte, o que tu pintares será sublime, o teu nome ha de passar ás gerações futuras... e de mim não tenhas dó porque pouco tenho ja que padecer...

— Não, Luiz de Camões, tornou o artista, o teu nome não póde morrer, o que tu escreveste será eterno!

Luiz de Camões desprendeu-se dos braços de Affonso Sanches Coelho, partiu, e nunca mais o viram, porque a morte veiu em fim pôr termo ao padecer do poeta, porque poucos mezes se haviam passado, depois que tivera logar a scena que descrevemos quando o cadaver de Luiz de Camões era lançado á terra, envolto n'uma mortalha, que pelo amor de Deus lhe deram. O maior poeta portuguez morrêra sem consolações, sem confortos, sem nada... mas tambem sem remorsos. *D.*

THEATRO-NACIONAL.

II.

328 No seu número 21 encetou a REVISTA a questão importante da organisação do nosso primeiro theatro de declamação. D'então para ca muita coisa se tem fallado sôbre o modo porque o govêrno resolvêra haver-se n'este objecto. Para o meu proposito é indifferente qualquer resolução que se tome: discuto uma questão d'arte, aventuro as minhas opiniões; nem me embaraço com os actos governativos, nem faço opposição a pessoas.

Isto posto, deixei dito no primeiro artigo sôbre este objecto, que o 1.º theatro-nacional não devia ser dado por empresa. Proponho-me hoje a sustentar ésta asserção.

Os theatros onde um público numeroso vai buscar distracção e alegria, não se póde negar que exercem grande influencia nos costumes, na arte e na glória litteraria d'um paiz; e consequentemente são capazes de assegurar ou corromper a moral, de formar ou estragar o bom-gôsto, de dar uteis documentos ao bom-animo do povo, ou de sobrecarregar os contribuintes com um onus pernicioso. Ja se vê que interesses de grande consideração e mui diversos entre si, se acham ligados com o modo d'administração d'um theatro.

Basta apenas ler este paragrapho para se conhecer que não haverá no mundo empresario capaz de desempenhar a doutrina d'elle. Que quer o empresario quando arrisca o seu dinheiro? Ganhar. Que lhe é necessario fazer para ganhar? Attrahir espectadores. Outro não póde ser o seu fim; para o alcançar fará tudo que lhe for possivel. Importa porventura a um empresario, por exemplo, a linguagem d'um drama? — No emtanto é ésta uma parte das principaes, porque cumpre que o theatro seja eschola da lingua, pela influencia que a phrase exerce no auditorio. Importa a um empresario o genero ou a eschola d'um drama? — No emtanto são ambas de poderosa consideração para a arte. Importa a um empresario a moral d'um drama? — O mais certo será preferir os licenciosos porque lhe attrahirão maior número d'espectadores. Assim por diante. O empresario hade pôr em scena tudo quanto lhe produzir uma boa receita. A jaula de Morok, a corda do Sr. Serrate, os macacos de M. Laribeau, hão apparecer no palco do 1.º theatro-nacional. Não se falle em meios repressivos, em regulamentos para superveniencias que não é possivel prever, nem pôr a coberto das fraudes da especulação. Todos nós sabemos como tudo isto se póde illudir, e ja temos a experiencia dos *ursos* e do *inglez* que vimos no palco do *theatro-normal* em duas empresas differentes.

O primeiro theatro-nacional não deve ser, nem é licito que seja, um meio d'especulação. Este theatro deve ser para o Estado como são os seus lyceus, academias, escholas de Bellas-Artes. Não póde ser outra coisa n'um paiz onde se intenda que coisa é um theatro.

A necessidade de ser breve não me deixa desinvolver cabalmente a minha doutrina; mas reputo-a tão solida que me parece incontroversa. Eu direi simplesmente, e com as menos palavras que me for possivel, como concebo a organisação do theatro nacional, e tractarei depois do modo porque ésta se ve hoje constituida em Inglaterra e França; os dois paizes que nos servem de modêlo para tudo.

O theatro-nacional deve ter administração e não empresa. A administração deveria, em quanto a mim, ser composta do director de scena, do fiscal gerente, de dois actores eleitos annualmente pela companhia, e d'um commissario-real com a presidencia. Uma commissão, que deveria ser nomeada desde ja, faria a escolha do director de scena (ensaiador) e dos principaes actores de todo o reino, e com elles constituiria o nucleo da companhia do Theatro-nacional. Os ordenados d'estes artistas seriam garantidos pelo subsidio. O resto dos actores necessarios para constituirem uma companhia completa, seriam escripturados pela administração do theatro. Para entrar depois no quadro da companhia do theatro-nacional seriam necessarias habilitações e formalidades que ainda indicarei. Aos artistas que formassem o quadro da companhia do theatro-nacional sería affiançada uma pensão de reforma no caso de doença ou d'impossibilidade de mais representar por idade. Para ésta pensão era conveniente estabelecer categorias.

Toda a receita do theatro entraria assim n'um cofre d'onde sahiriam todas as despezas de costeamento, pagamentos d'artistas escripturados, pensões, premios de distincção, e finalmente os mesmos ordenados da companhia, se para tanto désse. D'aqui se ve que sendo consideravel a receita, o subsidio do Thesoiro reverteria a favor do mesmo Thesoiro, porque n'este plano elle nada mais sería do que um suprimento de fundos e uma garantia da companhia. A economia pois, que d'ésta organisação resultaria ao Estado, é mais outra circumstancia que muito a recommenda tambem.

Se a receita viesse a ser tão consideravel que se accumulasse, essa superabundancia de numerario poderia ser applicada na compra de fundos públicos que pelo seu rendimento constituissem no futuro a dotação do theatro, e tornassem assim desnecessario o subsidio, com o que ficaria eliminada no orçamento essa verba. Em último caso ainda a accumulação do rendimento podia ser applicada a um estabelecimento de beneficencia, e para as escholas do Conservatorio.

No caso de falta de receita, e que o subsidio votado no orçamento não chegasse a supprir essa falta, o govêrno adiantaria o necessario por conta do mesmo subsidio dos seguintes annos. Pouco receio porém póde haver d'isto. A experiencia tem mostrado que as emprezas do Theatro da Rua-dos-Condes, ha dez annos para cá teem lucrado sufficientemente, e tendo a actual mui pequeno subsidio. N'um theatro melhor administrado, com circumstancias tão consideraveis de preferencia, introduzida a *moda* de o frequentar pela maneira que tambem direi, e com a protecção da lei, como se verá n'outro artigo, a prosperidade sería infallivel.

Uma commissão de leitura conheceria do merito das peças, superintenderia, em suas decorações, trajos e adereços, e exerceria ao mesmo tempo a censura. Esta commissão composta de cinco membros sería presidida pelo commissario-real, e deveria ser membro nato d'ella o director de scena. Os outros tres membros poderiam ser de nomeação regia sôbre eleição do Conservatorio-real, mudados todos os annos ou como melhor parecesse. Este mesmo systema proponho para a nomeação do commissario-real, que sería um delegado da inspecção-geral dos theatros e do Conservatorio.

Assentadas éstas bases, os artigos regulamentares para desinvolvimento d'ellas são de facilima concepção. N'outro artigo se verá qual é a legislação que hoje vigora nos theatros de Inglaterra e França, e d'ahi se deprehenderá qual póde ser a applicação que d'ella se deveria fazer ao nosso theatro, em harmonia com a organisação que proponho.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE S. CARLOS.

PALMINA OU A NYMPHA DO ORBE — Baile-magico em tres actos, pelo Sr. Martin — Musica do Sr. Pinto — Decorações dos Srs. Rambois e Cinatti.

329 O maravilhoso foi sempre o principal elemento das acções-bailaveis, principalmente hoje que éstas com o nome de *divertissement*, que lhe deram em França, teem substituido as grandes danças-mimicas, quasi sempre fundamentadas em acções guerreiras, com muita peleja e muita *patada*. Por felecidade as batalhas até fingidas *passaram*; e as idéas de destruição e morte, verdadeira antropophagia dos homens civilisados, não entram ja hoje na cabeça de ninguem: ainda restam os duellos, mas hão de *passar* tambem se Deus quizer. Ao maravilhoso da mythologia-pagan se substitue agora o phantastico de nossas lendas e tradições da idade-media; e assim vemos a *Gisella*, o *lago das fadas*, e tantas outras do mesmo genero, fazerem a volta do mundo, e serem em toda a parte acolhida com gôsto e interesse.

O Sr. Martin que na habilidade e no bom-gosto está a par dos progressos da sua arte, executando, era justo que assim o mostrasse tambem, concebendo. O seu baile PALMINA, que a dizer a verdade pouco nos interessa pela acção, pertence todavia á eschola que louvâmos, e serve-lhe como de moldura para fechar dentro d'elle os lindos bailados de que o ornou.

O talento coregraphico do illustre compositor revela-se tambem no modo porque actualmente faz apparecer o corpo de baile: se porventura ainda não *brilha*, ja se póde dizer que *dança*; e isto é coisa que não ha memoria de se haver visto ha bons dez annos. A walsa-suissa executada por 12 segundas bailarinas e 6 homens, é um vistoso e engraçado bailado, que foi com razão muito applaudido. Os outros bailados são igualmente do melhor gôsto pela graça dos grupos e accêrto do seu desenvolvimento. Distingue-se sobretudo um passo a solo pela Sr.ª Zimmann, e o tercetto dançado pela mesma Sr.ª Zimmann, a Sr.ª Moreno e o Sr. Martin.

Nunca vimos um *passo* applaudido mais do coração. Os tres dançarinos sobrelevaram-se ainda no grau d'estima em que o público os tinha. São verdadeiros voos os saltos da Sr.ª Zimmann: não se póde bem descrever a fôrça e a delicadeza, o mimo e acabado da sua execução. O Sr. Martin com uma espontaneidade e firmeza admiraveis executa as maiores difficuldades da sua arte; e a Sr.ª Moreno á graça que a distingue reune hoje outras qualidades que relevam consideravelmente o seu merito.

A musica era do Sr. Pinto que indubitavelmente está bem adaptada ás situações da acção e toda escripta rigorosamente, como cumpria, no estylo francez, com aquella excellente orchestração que se reconhece em todas as obras do Sr. Pinto.

As decorações dos Srs. Rambois e Cinatti distinguem-se principalmente no 3.º quadro, que é realmente bello; quer-me parecer porém que a do 4.º quadro comportaria ainda melhor illusão. O último é d'effeito.

Refiro-me a uma primeira representação, que, principalmente n'uma dança de transformações, não póde deixar de ser imperfeita: sem duvida que nas subsequentes representações a exactidão do machinismo dará ainda maior realce á bella producção do Sr. Martin; de quem na verdade muito se esperava, e que satisfez completamente a expectativa pública.

ERRATA.

Tendo escapado algumas erratas na contraprova da bella traducção da Arte-poetica d'Horacio pelo Sr. Seabra, publicada na REVISTA n.º 23. aqui se mencionam com as emendas: col. 1.ª — linha 64 — inferno — lea-se — *enfermo* — col. 2.ª — lin. 8 — remendados — lei-se — *remendos* — lin. 12 — varco — lea-se — *arco* — pag. 274 — col. 1.ª — lin. 26 — Renasceram — lea-se — *Renascerão* — lin. 32 — Archeloco — lea-se — *Archiloco* — lin. 51 — e assomado — lea-se — *e o assomado* — lin. 53 — E com — lea-se — *E em* — col. 2.ª — lin. 28 — ate — lea-se — *té*.

VARIEDADES.

DA INSTITUIÇÃO DA GUARDA DOS ALABARDEIROS, OU ARCHEIROS, NO PAÇO.

330 No reinado d'el-rei D. João II, que teve um character particular, sombrio, reservado, e violento (uma imitação de Luiz XI, que então reinava em

França), succedeu que *D. Diogo de Almeida*, prior do Crato, e *D. João de Sousa*, valente cavalleiro, se travaram de razões, dentro do paço, na cidade de Evora (onde se achava a côrte), aponto que todos os dias se esperava que se acutilassem um ao outro onde quer que se encontrassem. El-rei D. João II, para isto evitar, ordenou que houvesse um meirinho do paço (1), com dôze homens de guarda, vestidos das cores da casa-real, que com alabardas nas mãos estivessem sempre á porta do paço, em assentos; e mandando outro sim ao meirinho, e a elles, que qualquer pessoa que no paço desembainhasse a espada, logo o matassem: e assim o fez notificar por escriptos postos ás portas do paço.

Os alabardeiros tinham pellotes (2) e gorras verdes, calças brancas, e as hastes pintadas de verde, com franja da mesma côr, junta ao ferro. El-rei D. João V ordenou no anno de 1728, que os archeiros usassem de farda de panno encarnada, com os cabos e vestias azues, agaloadas de ouro. Veja-se a *História Gen. da casa-real-portugueza*, tomo 8.° pag. 275, por D. Antonio Caetano de Sousa.

O Abbade de Castro.

MODAS.

331 Estamos n'uma grande falta com as nossas amaveis leitoras... Haviamos de pedir-lhe perdão se intendessemos que realmente a tinhamos commettido, porque importaria isso o mesmo que esquecermos-nos d'ellas; mas não: todos que nos conhecem sabem que esse peccado nunca nós commettemos; somos ás vezes impertinentes mas nunca deslembrados... Merecemos, somos dignos de toda a desculpa: não as temos querido infastiar com as nossas sensaborias visto que do seu assumpto predilecto — modas — nada tinhamos a dizer-lhe: tem sido uma esterilidade como não se imagina! Emquanto não começam os bailes é isto sempre. Ha pouca variedade de trajos, e uma ou outra modificação que se vê, carece de elegancia e não se sustenta. Ora, quando começam os bailes é outra coisa. As mesmas *toilettes* de passeio são modeladas pelo formoso matiz dos trajos rivais das mais elegantes dançadoras. Quem trouxera ja os bailes! Oh! quantas das nossas leitoras nos acompanharão aqui n'este suspiro!.. Formavamos um coro unisono que nem n'uma opera de Bellini.

Mas emquanto os bailes não chegam, sempre diremos alguma coisa, bebida nas melhores fontes do tom parisiense.

O trajo mais em voga, ou que não acaba nunca, são as capas. Chamem-lhe burnús, camalhas, chatelénes ou serêas, no fim de contas é uma capa. Fazem-se de veludo, setim, seda e cachemira. A camalha é feita d'uma so peça com costura nas costas, a sua largura é quanto for bastante para cobrir o corpo sem fazer canudos. O burnú tem a mesma fórma da camalha com capuz e mangas. A chatelénę é uma camalha mais pequena propria para passeio, e guarnecida em roda de largo debrun. A serêa é uma especie de mantelete de grandes pontas largas e redondas, em fórma de romeira nas costas.

Ainda ha outra especie de capas, a que chamam *omnibus*, mas que pelo mesmo nome se ve que não são do bom tom.

A mais elegante de todas éstas é a *chatelene*; feita da fazenda a que chamam *tweed*, clara e para passeio, ou de veludo para toilette de visita. Póde ser feita sem costura: ficando as pontas enviezadas. Tambem se fazem com apanhados nos hombros. A parte de diante é guarnecida de trez alamares para abotoar, e dois na abertura dos braços, um em cima outro em baixo, para as prender; e teem guarnição á roda.

Usam-se muito os vestidos de panno e de cachemira ornados de passamanes. Tambem se usam de veludo e damasco: sempre compridos e de muita roda. O melhor tom para infeites de chapeus é a *flor da America*, novidade d'invenção do nosso compatricio Constantino, o rei dos floristas.

É justo que tractemos tambem dos homens: indubitavelmente elles sem as senhoras não aturariam a vida, mas éstas sem homens não achariam quem lhes admirasse a belleza, nem em quem empregassem os caprixos...

Os elegantes de Paris usam d'um *robe-de-chambre* magnifico. É de cachemira cor de perola debruado de *marcelina* côr de oiro: não tem gola; prolonga-se em fórma de chaile até á cintura e termina abaixo do joelho com as pontas boleadas; algibeiras adiante, e cordão na cintura. Usam tambem uns sobretudo abotoados com alamares, de panno azul e golla de veludo, com mangas de largos canhões para se metterem as mãos. Os mais riccos porém são de veludo guarnecidos de martha-zibelina.

Os coletes que estão em moda são de cinco differentes feitios: Colete-chaile muito aberto, para a noite; direito, aberto; direito de gola voltada, podendo abotoar até acima; crusado, para demanhan, quer todo abotoado quer aberto; e o colete-vestia, com uma so ordem de botões, que fecha até acima e tem as pontas boleadas: todos muito compridos. Os de baile são de cachemira-branca bordados de seda; mas usam-se tambem os d'acolchoadinho de *picado* largo.

Logo que comecem os bailes voltaremos de novo a este importante assumpto de tanto momento para a industria como para os costumes. (E por mais que mofem d'elle isto é verdade...

CORREIO NACIONAL.

332 O 'Diario-do-Governo' publica o seguinte:

« Por noticias dos Estados-Unidos consta que sería de grande utilidade, para os proprietarios e negociantes do Algarve, onde o figo se produz com tanta abundancia e de superior qualidade, o aproveitarem-se do mercado americano, que decerto lhes offerecerá muitas vantagens. O mesmo se diz a respeito das passas e outras fructas sêccas.

Por portaria de 12 do corrente se ordenam varias providencias para obviar e acudir aos naufragios na entrada d'este porto de Lisboa. Tambem se mandam construir duas embarcações *proprias para estes soccorros*. A Revista insiste na urgencia dos *bateis-insubmergiveis*.

(1) *Estevão Fernandes*, cavalleiro da casa d'el-rei, foi o primeiro meirinho que houve no paço. Veja-se a Chronica d'el-rei D. João II, cap. CXC, por Garcia de Resende.

(2) Vestidura com mangas e abas grandes.

No dia 11 do corrente visitaram Suas Magestades o estabelecimento da Casa-pia, e deitaram a primeira pedra para a casa que dentro do mesmo edificio se vai construir, destinada á *Eschola-normal*. Suas Magestades viram os dormitorios, officinas e refeitorios d'aquelle util estabelecimento, e Mostram Satisfazer-Se do bom estado em que a zelosa commissão-administrativa conserva todas as coisas a seu cargo.

As alfandegas de Lisboa e Porto, e a das Sette-Casas, renderam no mez passado 428:366$056 réis, 181:339$547 a1.ª—171:012$196 a2.ª—76:011$313 a última.

No mez de novembro despacharam-se nas Sette-Casas, para consummo 2,192 pipas de vinho, 398 d'azeite, 23,407 arrobas de carne de vacca, 8,420 de porco e 497 de vitella e carneiro, e fructas e vegetaes no valor de 32:405$800 réis: para exportação 1,529 pipas de vinho.

A receita do Asylo da mendicidade no mez de novembro somma 1:225$439 réis além de diversos donativos em generos: a despeza importou em 1:317$736 réis. Ficaram existindo 282 homens e 226 mulheres—total 508.

Desgraçadamente mencionam-se mais dois suicidios n'esta semana, em Lisboa.

O preço dos cereaes no Minho tem crescido, e fazem-se importantes compras, em razão da exportação.

Os elegantes do Porto tomaram a dianteira aos de Lisboa. A assemblea-portuense deu o seu primeiro baile d'inverno na noite de 9 do corrente. Por ca nem n'isso se falla ainda.

Sabemos que Monsignor di Pietro, Nuncio de Sua Santidade em Lisboa, que comprára em leilão a livraria do Dr. Brotero, acaba de a offerecer generosamente ao govêrno, e que este a mandou entrar na Bibliotheca-pública d'esta cidade.

O bazar annunciado na Revista n.º 22, abriu-se effectivamente no palacio do duque de Palmella, ao Calhariz, por trez dias a contar do dia d'hontem (16). Figuraram-se lojas n'uma das salas do palacio, onde as sr.ªs duqueza de Palmella, marqueza de Fronteira, condessas de Rio-maior, Lapa, Sobral, e Lavradio, D. Henriqueta Oyenhausen, D. Anna da Camara e madame Lecesne, vendem os objectos que foram offerecidos para este acto philantropico, por muitas pessoas, entre éstas Suas Magestades Fidelissimas e Imperial, S. A. R. a Sr.ª Infanta D. Isabel Maria, a Rainha dos Francezes e a da Belgica, algumas Princezas da Baviera etc. Suas Magestades honraram hontem mesmo o bazar com a Sua Visita. O Duque mandou fazer uma exposição d'objectos d'arte, n'outra sala do mesmo palacio, para dispertar mais a curiosidade publica e obter-se maior producto de beneficencia, mediante a somma porque se compra o bilhete que faculta a entrada n'esta galeria.

O Sr. B. J. de Senna Freitas, distincto collaborador da Revista, acha-se viajando no Algarve occupado em importantes investigações archeologicas. Daremos mais larga conta d'este objecto.

Acaba de chegar de França um ingenheiro distincto, M. Gayffier, contractado pela Companhia das Obras-publicas, para tomar a direcção superior dos trabalhos a cargo da mesma Companhia.

Domingo (21) diz-se que será a 1.ª representação em San'Carlos da Opera nova de Donizetti — *Maria Padilha*; em que entrarão as Sr.ªs Lanzi e Grimoldi, o baixo Salandri, e debutará o tenor Landi.

M. Laribeau e a sua companhia deram a última representação no Circo na noite de 15 do corrente. M. Laribeau vai ao Porto, onde se demorará até março, e regressará a Lisboa pelos principios d'abril.

A maior novidade d'esta semana é o julgamento da mais importante causa do fôro portuguez pelo supremo tribunal de justiça. O Sr. Conde do Farrobo a quem fôra concedido o contracto do Tabaco por dôze annos, havia-o sublocado á sociedade representada pelo Sr. Pimenta, antes da extincção do papel-moeda. Em consequencia d'esta ser legislada, pertendeu o Sr. Pimenta ser indemnisado pela differença resultante da moeda em que tinha a pagar a sua sublocação; e assim o requereu ao govêrno, que consultando o parlamento, foi votado que a indemnisação não podia ter logar; talvez porque o onus que gravava o Sr. Pimenta se devesse considerar como precalso d'um contracto cujos proes tambem desfructaria se os houvera. O Sr Pimenta demandou o govêrno, mas desistiu da sua acção, e intentou-a contra o Sr. Conde do Farrobo. O Sr. Dr. Ferreira Lima em 1.ª instancia sentenciou a favor da indemnisação. A Relação confirmou; mas o Sr. Conde embargou: um juiz foi dado por suspeito para a decisão dos embargos, e entrando novo juiz no julgamento resultou haver maioria contra a indemnisação. O Sr. Pimenta pediu revista, foi-lhe concedida; mas a Relação do Porto confirmou a sentença. O Sr. Pimenta pede nova revista, que ultimamente lhe tornou a ser concedida. N'este estado a causa não está finda por ora; mas muito mal-figurada para o Sr. Conde do Farrobo. Calcula-se que o valor da indemnisação orçará por 800:000$ rs. Sem entrarmos n'uma questão em que somos leigos, diremos todavia, que se n'este estado de coisas as sympathias públicas que se teem desinvolvido a favor do Sr. Conde do Farrobo, são capazes (como nos parece) de consolar n'uma desfortuna, S. Ex.ª póde ter ésta consolação em toda a sua plenitude. O Sr. Conde do Farrobo é um dos capitalistas e proprietarios mais uteis ao paiz; o seu ânimo generoso, industrial, imprehendor, é reconhecido e comprovado de mil fórmas no paiz inteiro. S. Ex.ª poderá soffrer um grande desfalque na sua fortuna, mas nunca hade experimentar senão cada vez maior reconhecimento público pelas suas virtudes civicas.